



● Leitor iniciante



● Leitor em processo



● Leitor fluente

© IRASSOL

LÚCIA HIRATSUKA

A máquina de retrato

ILUSTRAÇÕES DA AUTORA

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Tom Nóbrega

● Leitor fluente – 4º e 5º anos
do Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



A máquina de retrato

LÚCIA HIRATSUKA



UM POUCO SOBRE A AUTORA

Lúcia Hiratsuka nasceu em Duartina, interior de São Paulo, e foi para a capital aos 16 anos. Formou-se em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes. Em 1988, recebeu uma bolsa de estudos para a Universidade de Educação de Fukuoka, no Japão, e escolheu como tema de pesquisa o livro ilustrado. É autora e ilustradora.



RESENHA

Certo dia, ao voltar da escola, Zinho viu seu vizinho sentado na soleira da porta, segurando um curioso objeto entre as mãos. Era uma máquina fotográfica! O garoto ficou fascinado. Seu Antenor, o vizinho, contou que havia conseguido o objeto em um acerto de dívida e perguntou se o garoto gostaria de comprá-la.

Desde a proposta, o menino passou a sonhar em ter aquela máquina de retrato – mas como, se Zinho não tinha dinheiro e sua família há tempos passava por dificuldades financeiras? Depois

de pensar por muito tempo, teve uma ideia: oferecer o Paineira, o velho burrico que pertencia a seu pai, em troca do cobiçado objeto. Para a alegria do garoto, seu Antenor aceita a troca.

No dia seguinte o menino mal conseguiria prestar atenção às aulas, com a máquina de retrato escondida em seu bernal. Zinho mal tinha tido tempo de tirar um retrato de seus amigos depois da aula, quando, ao chegar em casa, seu pai já o esperava na porta, pedindo para ver a máquina fotográfica. O garoto, que não havia pedido permissão para oferecer o animal em troca do objeto pelo qual tanto ansiava, aguardava uma bronca – que, para a sua surpresa, não veio. Seu pai passou muito tempo no quarto, estudando a máquina com cuidado e, por fim, ao sair, pediu que Zinho, sua mãe e seus irmãos posassem para uma fotografia. Quando o menino passou pela casa do vizinho novamente, o burrico já não estava lá: tinha morrido. No momento de fazer a troca, o garoto não tinha se lembrado de que os animais podiam morrer...

Para escrever *A máquina de retrato*, Lúcia Hiratsuka inspirou-se em um relato de seu pai, que lhe contou como, quando menino, fascinado por uma máquina de retrato, propôs, assim como o protagonista do livro, uma troca para conseguir o objeto. Em uma narrativa delicada, a autora e ilustradora nos faz pensar a respeito do tempo e da impermanência das coisas, lembrando-nos de por que, afinal de contas, a invenção da fotografia despertou tanto fascínio entre nós, humanos. A possibilidade de capturar instantes na forma de imagens, de guardar reflexos imobilizados dos rostos queridos como nos apareciam em diferentes momentos da nossa história, fez com que a invenção da fotografia transformasse quase completamente a nossa relação com a memória. O retrato de família, por exemplo, se tornaria rapidamente uma prática amplamente difundida entre diferentes culturas. Em um tempo em que as fotografias são tiradas principalmente por celulares, passíveis de ser vistas imediatamente, e raramente impressas, este livro pode fazer com que os alunos tomem consciência do que significa, ou pode significar, o ato de fotografar.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: narrativa.

Palavras-chave: fotografia, memória, família, morte.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Ciências, Arte, História.

Competências Gerais da BNCC: 9. Empatia e cooperação.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Vida familiar e social.

Público-alvo: Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).



PROPOSTA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Será que eles conseguem entender que a “máquina de retrato” do título é uma máquina fotográfica? Que outras máquinas utilizamos hoje em dia para tirar fotos?

2. Chame a atenção para a máquina que o garoto da ilustração segura entre as mãos. É bem possível que imaginem tratar-se de uma máquina antiga, mas em que tempo será que uma máquina como essa era utilizada? Desafie os alunos a procurar imagens e informações de máquinas fotográficas antigas na internet para calcularem aproximadamente a época em que transcorrem os eventos narrados.

3. Veja se os alunos reconhecem qual é a planta que aparece no campo que vislumbramos na imagem da quarta capa. O nome e o símbolo da coleção a que essa obra pertence, no alto da quarta capa, podem ajudar a resolver a charada...

4. A frase que aparece em destaque na quarta capa, em uma fonte diferente do restante do texto, afirma: “RETRATOS guardam HISTÓRIAS de tantos LUGARES e tantos TEMPOS”. Veja se os alunos percebem como, ao colocar essas quatro palavras em letra maiúscula, sugere-se uma conexão entre as noções de *retrato*, *história*, *lugar* e *tempo*.

5. Chame a atenção para a dedicatória do livro – *Para esses meninos*. Será que os alunos conseguem notar que *esses meninos* são os garotos que aparecem na fotografia à esquerda da frase? Quem poderiam ser eles?

Durante a leitura

1. Chame a atenção das crianças para a primeira frase do livro, que aparece em uma fonte diferente do restante do texto, quase como uma epígrafe: “Era tempo de algodão outra vez”. Comente que o termo *outra vez* nos faz pensar em ciclos e na passagem do tempo. Proponha que estejam atentos à presença do algodão como elemento importante das ilustrações.

2. Um dos elementos fundamentais dessa história é o fato de ela se passar no campo, e não na cidade. Diga aos alunos que prestem atenção aos produtos agrícolas que aparecem no decorrer do texto e das imagens. Além de algodão, o que mais a família do garoto produz?

3. Ressalte que, como se trata de uma narrativa em primeira pessoa, temos acesso privilegiado aos pensamentos e sentimentos de Zinho, o narrador-personagem, mas pouco sabemos a respeito do que se passa na cabeça de seus interlocutores. Diga às crianças que procurem estar atentas ao uso dos tempos verbais na narração da história: predominam os pretéritos perfeito e imperfeito, mas ocasionalmente alguns parágrafos aparecem escritos também no tempo presente. Será que os alunos percebem que isso acontece

exatamente quando a narração procura reproduzir o que se passa nos pensamentos do narrador, dispensando o uso das aspas?

4. Nas primeiras ilustrações do livro, algumas palavras aparecem em destaque, com uma fonte maior do que o restante do texto. Por que será?

5. Chame a atenção dos alunos para a semelhança entre as ilustrações das páginas 33 e 35. O que muda de uma para a outra? Será que as crianças entendem que a sombra alongada do menino evoca o tema da morte que surge nesse momento do texto?

Depois da leitura

1. Leia com os alunos a seção “Uma palavrinha com a autora”, na página 40, em que descobrimos que a narrativa que acabamos de ler foi inspirada em um relato do pai de Lúcia Hiratsuka. Na mesma página, encontramos também fotografias em preto e branco, certamente da família da escritora. Chame a atenção das crianças para as datas escritas abaixo de cada uma das fotografias. Quem os alunos imaginam que poderiam ser os personagens que aparecem nessas imagens?

2. Em sua biografia, Lúcia Hiratsuka conta que nasceu e cresceu no sítio Asahi, no interior de São Paulo. Nesta reportagem da Folhinha, caderno infantil da Folha de S.Paulo, a autora apresenta aos jovens leitores os personagens míticos que povoavam a sua infância, através das narrativas contadas por sua avó, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhinha/dicas/di11121007.htm>> (acesso em: 3 abr. 2020).

3. Para que os alunos saibam um pouco mais a respeito da imigração japonesa no Brasil e do modo como os imigrantes japoneses trouxeram para o país sua agricultura e seus métodos de educação, leia com eles esta interessante reportagem da revista Superinteressante, escrita por um descendente de imigrantes que conta um pouco de seu processo de aprendizagem, disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/como-os-imigrantes-importaram-a-educacao-japonesa-para-o-brasil/>> (acesso em: 3 abr. 2020).

4. Proponha aos alunos que conversem com seus pais, tios e avós e peçam que lhes mostrem fotografias anteriores ao momento em que nasceram, pedindo que contem a história por trás de cada uma das imagens. Diga às crianças que selecionem algumas dessas imagens e criem uma série de desenhos a partir delas, inspirando-se nos retratos desenhados da página 38. Em seguida, proponha aos alunos que se inspirem nesse relato e escrevam uma história em primeira pessoa livremente inspirada no que lhes foi contado, em que se coloquem no lugar da pessoa que vivenciou os fatos relatados. Diga a eles que, uma vez que começamos a escrever uma narrativa a respeito do relato de alguém, ela já se torna uma ficção – e que, portanto, eles têm toda a liberdade para transformar a história que escutaram de modo a ressaltar os elementos que lhes parecerem mais significativos.

6. Não houve um único e indiscutível inventor da fotografia: ela surgiu de maneira mais ou menos simultânea em diferentes

partes do mundo. Divida os alunos em grupos e proponha que realizem uma pesquisa a respeito de um personagem importante para o surgimento da fotografia, complementando sua pesquisa com imagens de cada um deles: Joseph Nicéphore Niépce, Louis Daguerre, o inglês Fox Talbot e Hercule Florence, o francês que criou a fotografia no Brasil – a respeito desse último, ver matéria disponível em: <<http://g1.globo.com/fotos/noticia/2012/08/descoberta-da-fotografia-no-brasil-faz-180-anos-despercebida-por-brasileiros.html>> (acesso em: 3 abr. 2020).



LEIA MAIS...

1. DA MESMA AUTORA

- *O guardião de memórias*. São Paulo: Moderna.
- *Histórias guardadas pelo rio*. São Paulo: SM.
- *Orie*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar.
- *Chão de peixes*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar.
- *As cores dos pássaros*. Rio de Janeiro: Rovellet.
- *Histórias tecidas em seda*. São Paulo: Cortez.
- *Histórias de Mukashi: contos populares do Japão*. São Paulo: Editora Elementar.

2. DO MESMO GÊNERO

- *Tomie: cerejeiras na noite*, de Ana Miranda. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Histórias de Avô e Avó*, de Arthur Nestrovski. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Nas ruas do Brás*, de Dráuzio Varella. São Paulo: Companhia das Letrinhas.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!